

Adolescência: desafios entre pais e filhos na educação sexual

Adolescence: challenges between parents and children in sex education

Adolescencia: desafíos entre padres e hijos en la educación sexual

Recebido: 14/05/2022 | Revisado: 29/05/2022 | Aceito: 30/05/2022 | Publicado: 06/06/2022

Surama Michele do Nascimento Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3813-1615>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: suramamichele@gmail.com

Luanessa Dâmares De Farias Da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9789-2054>
Universidade Estadual do Piauí
E-mail: luanessafarias@gmail.com

Sâmira Naiara de Sousa Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9375-3153>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: carvalhosamy11@gmail.com

Maria Helena Pinto Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8838-8633>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: mariahelenaps19@gmail.com

Karen Laís Azevêdo Oliveira Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0308-417X>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: Karen.lais05@gmail.com

Wallison Hamon Silva Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2690-9653>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: wallisonhamon@gmail.com

Jéssica da Silva Fontes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6548-2368>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: jessicafontes2012@hotmail.com

Karina de Oliveira Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3122-0893>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: Karinasiloli23@gmail.com

Rafaela Silveira de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7806-9575>
Centro Universitário Anhanguera, Brasil
E-mail: rafastudies.enf@gmail.com

Samia Daniele do Nascimento Ramos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0087-072X>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: samiaramos@outlook.com

Elizandra Lima Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3278-4992>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: elizandralima06@hotmail.com

Márcia Sousa Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6517-0479>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: mssenfermeira@gmail.com

Antônia Keila Alves da Costa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0917-0108>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: Keylla_costa@outlook.com

Juliana da Silva Barros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9298-8180>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: julianasilvabarros758@gmail.com

Antonio Vinícius Barros da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0137-9409>
Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil
E-mail: barrosvinicius719@gmail.com

Resumo

O desenvolvimento da sexualidade é um aspecto importante do desenvolvimento humano e da realização da saúde sexual. A adolescência é um período crucial porque o estado de saúde do adulto está intimamente ligado às experiências durante a adolescência. Este estudo teve como objetivo identificar os desafios enfrentados pelos pais e filhos diante da educação sexual. Esta pesquisa possui natureza explicativa qualitativa, de amostragem não probabilística, realizada através um questionário estruturado em perguntas abertas. A pesquisa foi realizada em uma instituição escolar municipal, da cidade de Caxias- MA, onde participaram 15 alunos de ambos os sexos, do 9º ano do Ensino Fundamental, e posteriormente os pais ou responsáveis dos mesmos. Baseado na análise dos dados, 46, 02% dos pais entrevistados relataram que o maior desafio existente seria a vergonha, e 19, 08% relataram a falta de conhecimento, já os outros 34% ficaram entre diversos sentimentos como preconceito, timidez e outros. Foi evidenciado no presente estudo que há uma grande dificuldade de abordar este assunto no seio familiar sem que haja sentimentos de vergonha ou impotência. Frente a essa realidade, é necessário que haja uma ajuda múltipla entre família, profissionais de saúde e educadores, na tentativa de ampliar essa abordagem aos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescente; Educação sexual; Relações pais-filho; Ensino em saúde.

Abstract

The development of sexuality is an important aspect of human development and the achievement of sexual health. Adolescence is a crucial period because adult health is closely linked to experiences during adolescence. this study had as objective to identify the challenges faced by parents and children facing sex education. This research has been classified as qualitative explanatory nature, non-probabilistic sampling, conducted through a structured questionnaire in open questions. The research was conducted in a public school, in the city of Caxias-MA, where 15 students of both genders, from the 9th grade of elementary school, and later their parents or guardians participated. Based on the data analysis, 46, 02% of parents interviewed reported that the biggest challenge would be shame, and 19, 08% reported lack of knowledge, while the other 34% were among several feelings such as prejudice, shyness and others. It was evidenced in the present study that there is a great difficulty to approach this subject within the family without feelings of shame or impotence. Faced with this reality, there is a need for multiple help among family, health professionals and educators in an attempt to extend this approach to adolescents.

Keywords: Adolescent; Sex education; Parent-child relations; Health teaching.

Resumen

El desarrollo de la sexualidad es un aspecto importante del desarrollo humano y el logro de la salud sexual. La adolescencia es un período crucial porque el estado de salud del adulto está estrechamente relacionado con las experiencias durante la adolescencia. Este estudio tuvo como objetivo identificar los desafíos que enfrentan los padres y los niños con respecto a la educación sexual. Esta investigación tiene un carácter explicativo cualitativo, de muestreo no probabilístico, realizada a través de un cuestionario estructurado en preguntas abiertas. La investigación se realizó en una institución escolar municipal, en la ciudad de Caxias-MA, donde participaron 15 alumnos de ambos sexos, del 9º año de la Enseñanza Fundamental, y posteriormente sus padres o tutores. Con base en el análisis de datos, el 46,02% de los padres entrevistados informaron que el mayor desafío sería la vergüenza, y el 19,08% informaron falta de conocimiento, mientras que el otro 34% se encontraba entre varios sentimientos como prejuicio, timidez y otros. Se evidenció en el presente estudio que existe gran dificultad para abordar este tema dentro de la familia sin sentimientos de vergüenza o impotencia. Frente a esta realidad, es necesaria la ayuda múltiple entre la familia, los profesionales de la salud y los educadores, en un intento de ampliar este abordaje a los adolescentes.

Palabras clave: Adolescente; Educación sexual; Relaciones padres-hijo; Enseñanza en salud.

1. Introdução

De acordo com o que dispõe no art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em sua lei de número 8.069, de 13 de julho do ano de 1990, nos diz que é considerado criança toda e qualquer pessoa cuja tenha até 11 anos e 11 meses de idade, sendo considerada adolescente toda e qualquer pessoa com idade de 12 a 18 anos de idade (Brasil, 1990).

Segundo o Ministério da Saúde (MS), a adolescência é um ciclo da vida compreendido após a infância, e antes da fase adulta, manifestado por um complexo dinamismo de crescimento de fatores biológicos, psicológicos e sociais. Sendo adotada tanto para o MS, quanto para a Organização Mundial da Saúde (OMS) que a adolescência é compreendida como a segunda década de vida, indo dos 10 aos 19 anos de idade (Brasil, 2007).

De acordo com Fiedler, Araújo e Souza (2015), a adolescência é um complexo período da vida do ser humano caracterizada por transformações sociais, psicológicas, anatômicas e hormonais que, juntamente com as novas experiências vivenciadas, definem a construção da personalidade de um futuro adulto, contribuindo para seu padrão comportamental e

valores pessoais que se estabelecerão durante toda a vida. Por ser um período de intensas contradições psicológicas e sociais expressas por uma posição de confronto e de oposição aos valores, tradições e leis da sociedade como forma de elaborar sua identidade e sua autonomia frente aos adultos, esses sujeitos podem estar vulneráveis a comportamentos de vida não saudáveis.

O desenvolvimento da sexualidade é um aspecto importante do desenvolvimento humano e da realização da saúde sexual. A adolescência é um período crucial porque o estado de saúde do adulto está intimamente ligado às experiências durante a adolescência. A melhoria do estado de saúde sexual de uma população ao longo do tempo depende da medida em que os estados investem na saúde sexual dos adolescentes (Kangaude, 2016).

De acordo com Cordeiro et al., (2017), na adolescência são estabelecidos padrões básicos de comportamento que repercutem ao longo da vida e dentre estes, têm-se a sexualidade na adolescência. Nesse momento de grandes transformações biopsicossociais costuma ocorrer à iniciação sexual, muitas vezes sem a orientação prévia e regradada de muitas dúvidas e curiosidade, que possibilitaria aos adolescentes fazerem escolhas aleatórias, considerando desejo, prazer e riscos.

A sexualidade entre os adolescentes ainda continua sendo um assunto que pode provocar polêmica na sociedade. Em algumas famílias, sexo é um assunto por vezes proibido de ser mencionado fazendo com que o jovem adolescente busque informações fora de casa. Estas informações podem estar erradas em inúmeros momentos ou então, o adolescente deixa de tirar suas dúvidas por sentir-se inseguro ou constrangido em abordar este tema com uma pessoa que não é de seu convívio diário. Desta forma, os jovens ficam mais vulneráveis a contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ou ter uma gravidez não planejada (Costa et al., 2017).

De acordo com Viero et al., (2015), a participação dos pais, familiares, profissionais da saúde e educação na vida dos adolescentes é fundamental nesse processo, proporcionando momentos de diálogos, aconselhamentos e atividades de educação em saúde que possibilitem a construção da consciência crítica sobre a importância de adquirir hábitos saudáveis.

1.1 Estatuto da criança e do adolescente - ECA

Para Lages et al., (2017), o ECA (1990), considerado como incorporador do progresso quanto aos direitos humanos da criança e adolescente, é a resultante de um desenvolvimento histórico, no qual a assistência à infância no Brasil alternou de acordo com o contexto econômico e político do país, transitando da obrigação dos grupos filantrópicos e religiosos para, então, do Estado.

De acordo com Guimarães (2017), com a implantação do ECA, crianças e adolescentes iriam se tornar cidadãos de privilégio com encargos civis, humanos e societários presumidos na Constituição Federal e em outros regulamentos, tendo estes privilégios aliados a indispensabilidade de obterem ensino, moradia, alimentação, lazer, esporte, sendo vistos como indivíduos em desenvolvimento, tendo o seu mundo tutelado.

Magnago (2019) ressalta que o ECA, condizente com a Constituição Federal de 1988 considera que as crianças devem ser tratadas de modo prioritário e absoluto de acordo com o princípio da proteção integral. Ressaltando que as mesmas devem ser protegidas e respaldadas ao máximo pela sociedade e pelo Estado, para que assim possam ter um desenvolvimento satisfatório.

Segundo Barbiani (2016), o sistema protetivo social que une Estado, sociedade e família ao encargo de priorização das crianças e adolescentes, seja por meio do fornecimento de zelo e proteção, seja mediante o incentivo ao seu desenvolvimento, sendo a eles atribuído o projeto societário de mobilidade social crescente pela aplicação em políticas públicas. Nesse seguimento, o ECA prevê, no art. 88, a "municipalização do atendimento" (Brasil, 1990), sendo exercido e sustentado por meio de um sistema de garantia de direitos, organizado em três estruturas: promoção, controle social e defesa de direitos.

Além da alteração de norma, o ECA determina, também, uma quantidade variada de modificações para as políticas de atendimento designada a crianças e adolescentes. Ao tratar da modificação de gestão dessa política, o Estatuto determina a participação da população na formulação e no controle social das políticas voltadas a esse público. Estabelecido nesse marco conceitual e legal da política social, tem-se o redirecionamento organizacional na concepção de mudança, essencialmente com o estabelecimento dos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente e dos Conselhos Tutelares (Lang, 2016).

Os Conselhos de direitos da criança e do adolescente com base nas três esferas de gestão, de modo respectivo, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), o Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONDECA) e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), têm constituição paritária em conformidade com o ECA (Brasil, 1990) e são órgãos associados a secretarias executivas das três esferas de governos. Esses órgãos apresentam cargo deliberativo de políticas de promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente, empenhando-se para dar suporte a conselhos tutelares, analisar as políticas e desempenho dos órgãos públicos (Figueiredo, 2015).

Souza e Brito (2015) afirmam que o ECA em seu art. 86 estabelece que "a política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente far-se-á através de um conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais, da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios". Ressalta-se que uma das diretrizes para esse acolhimento é a descentralização político-administrativa, isto é, cada município passa a ter autarquia para elaborar programas específicos designados as suas crianças e adolescentes.

1.2 Conceituando adolescência

A adolescência é definida como o período de passagem entre a infância e a idade adulta, entre os 10 e 19 anos de idade. Na perspectiva de observação e entendimento da sociedade, é nesse tempo que o indivíduo cessa os direitos e privilégios de criança e apropria-se de obrigações e deveres da emancipação civil (Ferreira et al., 2014).

Para Lima et al., (2017), nessa etapa da vida ocorrem indagações, dúvidas, formação de atitudes, valores e condutas, que exigem interferências das equipes de saúde com uma assistência holística do cuidado.

Santos et al., (2017a), escrevem que a adolescência é uma etapa da vida que engloba uma série de transformações biológicas, psíquicas e sociais. Esse momento é evidente pelo início da sexualidade. Envolto por um mundo saturado de opções, os adolescentes instituem um grupo que, nos dias de hoje, apresenta grande vulnerabilidade a situações de risco, podendo estar mais suscetíveis a inúmeros agravos, como as IST. Dentre estas infecções, ressalta-se a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), uma doença provocada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), que acomete o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de patologias.

Castro, Araújo e Pitangui (2017), afirmam que os adolescentes perpassam por um momento de confirmação e alicerçamento de práticas na vida adulta no qual os adolescentes ficam mais vulneráveis a experimentos e mudanças comportamentais. O início da sexualidade está vinculado às relações amplas que se mesclam entre o adolescente, a família, o relacionamento, a religião e o senso comum. Á frente deste posicionamento, a iniciação sexual será considerada como um processo incorporado de forma biopsicossociocultural que acompanha uma atuação sistemática e demarcada verbal e não verbal para se moldurar nos parâmetros ditos "corretos".

De acordo com Spinola et al., (2017), esta fase é caracterizada por ser o momento da vida em que os valores, os hábitos e as atitudes apresentam-se em processo de desenvolvimento com a consolidação da identidade individual do jovem em rumo a um natural afastamento dos pais e, de modo consequente, a uma maior liberdade. É salientada, frequentemente, por comportamentos de curiosidade, contestação e sentimento de onipotência, que relacionados a pouco conhecimento de vida e a elementos socioeconômicos e culturais, pode transformar o adolescente um grupo iminentemente vulnerável.

Na fase da adolescência, o indivíduo vivencia sua sexualidade de forma demasiada, com práticas sexuais quase sempre de modo inseguro e sem conhecimento suficiente sobre o próprio corpo. Além do mais, as práticas sexuais adquiridas nessa fase da vida podem representar em práticas realizadas ao longo de sua vida sexual (Maciel et al., 2017).

Segundo Santos et al., (2017a), a falta de conversação é um dos pilares para uma adolescência desencaminhada. A ausência da família, dos educadores e dos profissionais de saúde contribui, sobretudo, a propagação de informações errôneas vinculadas, em sua grande parte, aos meios de comunicação e aos grupos de amizade. Além do mais, encontra-se também a insuficiência de conhecimento por parte dos familiares sobre temáticas como sexualidade, bem como a intimidação em falar sobre tal assunto.

Para Rodrigues et al., (2019), esta fase tem tornado, nos últimos anos, fundamento de grande atenção, principalmente entre a faixa etária de 15 a 19 anos, uma vez que além de se integrar 8,83% da população brasileira vem seguida quase sempre de situações insatisfatórias e descabido de experiências sobre vida sexual e reprodutiva.

Os profissionais de Enfermagem possuem importante papel e atuação nesta fase de educação e saúde sexual, o que é indispensável em ações educativas visando prevenir eventuais riscos e infecções sexualmente transmissíveis que afetam sua saúde, esclarecendo incertezas sobre as modificações que surgem nessa fase, levando em consideração seus valores de vida, sua individualidade, laços familiares, sociais e gradativamente estimulando sua maturação (Bezerra et al., 2017).

1.3 Relação pais e adolescentes

De acordo com Souza et al., (2019), as famílias são vistas como a primeira corporação de ensino que possui o encargo de semear sua influência sociocultural herdada, para desenvolver desde a primeira idade dos indivíduos, a condutas almeçadas para sua integração na sociedade, para além de conceder individualmente a sua colocação social com base em sua classe, denominação religiosa, valores e outras coisas mais.

Para Ribeiro et al., (2016), os genitores são a estrutura para o crescimento físico, psíquico e emocional dos filhos, e é na família que estes vão compondo sua personalidade. Por conseguinte, os pais são o modelo, o suporte e a sustentação para que os filhos cresçam saudáveis e progrida de modo íntegro.

Segundo Barreto e Rabelo (2015), são compreendidos, então, que é da família para o meio social que deve estar definida a ordem de projeção de princípios, uma vez que os pais se representam como primeiros educadores. Educadores estes que instituem os filhos para se desenvolverem indivíduos aptos ao convívio social.

Na concepção de Sakuramoto et al., (2014), assim como as condutas parentais, o sustentáculo recebido pelos pais também é assentado como fundamental fator que intervém na saúde mental da criança e do adolescente, na perspectiva de quanto maior o suporte, melhor os indícios de progressão da criança.

De acordo com o estudo realizado por Santos et al., (2019), a relação hoje existente entre familiares, especialmente entre pais e filhos é a base para a obtenção e compreensão dos valores que ajudam no processo de desenvolvimento da identidade do adolescente. Deste modo, pode-se afirmar que um bom relacionamento e convívio familiar, o bom reconhecimento do papel dos pais pelos filhos ajuda na aquisição de um diálogo de múltiplos assuntos, de grande confiança e respeito. Fazendo com que assim o adolescente analise sua própria identidade e indague sobre suas expectativas, medos e anseios, sendo de suma importância para o desenvolver da mesma.

Portanto, a família torna-se um artefato primordial para a educação sexual dos seus filhos, assim sendo eles que auxiliam na construção da identidade, visto que com eles se desenvolvem valores, tanto no crescimento social, intelectual e emocional (Dias & Zandonadi, 2018).

1.4 Educação sexual

Para Spinola et al., (2017), a sexualidade é um elemento inerente do indivíduo e essencial na saúde de adolescentes e jovens, abrangendo fatores biopsicossociais vigorosamente instigados pelas crenças, valores individuais e familiares, normas morais e censura da sociedade. É, à vista disso, componente significativo no desenvolvimento da identidade do indivíduo.

De acordo com Jesus (2018), é fundamental se ter conhecimento dos mitos e tabus envoltos da sexualidade, facilitando assim para uma melhor abordagem, de forma clara e tranquila, a fim de manter uma boa conversação e entender os anseios e inquietações entre os mesmos. Esta inquietação, se deve ao fato de que os adolescentes começam a sua vida sexual de modo precoce, sem cuidados relacionados a contracepção, ficando assim vulneráveis a gravidez não planejada e as infecções sexualmente transmissíveis.

De acordo com Silva (2019a), a sexualidade engloba fatores biológicos, genéticos e psicológicos, sendo marcados pela sociedade, cultura e tempo. É um fator multideterminado e não deve ser interpretado de modo reducionista. Julgamentos limitados, preconceituosos e conservadores acerca desta temática poderá estimular comportamentos de discriminação e desrespeito.

Para muitos indivíduos que começam a vida sexual na adolescência, esse acontecido é visto como uma ocasião favorável para desenvolver o exercício da autonomia e da liberdade sexual, emoções essas que exprimem uma interpretação mais emocional que racional. Portanto, grande parte dos adolescentes não compreendem que este ocorrido também simboliza a sua integração mais enfática no grupo vulnerável às IST's, à gravidez não planejada e ao aborto. Por não compreenderem os riscos da prática sexual temerária, alguns adolescentes experimentam essa prática sem se atentar com as prováveis repercussões negativas que este fato pode promover (Maranhão et al., 2017).

Nesse cenário, é fundamental que os enfermeiros das ESF assumam suas funções e a relevância de se desenvolver ações educativas. Isto, pois a saúde é vista como um bem público, onde ninguém pode ser recusado do acesso em que as ações promovidas deverão ser disponíveis a todos. Contudo, consoante as evidências de alguns estudos, os jovens não integram a principal fonte de prioridades dos profissionais nas ESF, tornando os adolescentes entre os grupos com menor frequência em tais serviços (Conceição & Costa, 2017).

Segundo Cortez e Silva (2017), ao se falar de práticas educativas em saúde para os adolescentes, tem-se sempre que ter ciência que eles são um público diferenciado, pois esta é uma fase de intensas mudanças biopsicossociais, particularmente, no que diz respeito à sexualidade e à personalidade individual. Assim, faz-se fundamental a identificação do contexto cultural no qual eles estão incorporados, obedecendo seus medos, anseios, conhecimentos e, essencialmente, suas particularidades. À vista disso, quando se pensa em práticas educativas em saúde com este público, a temática de grande relevância é a educação sexual, com base na prevenção das IST.

Há a inevitabilidade de elaborar estratégias que auxiliem o acesso ao público adolescente. É específico do adolescente obter, nos grupos de amigos, as respostas para seus anseios; nesta perspectiva, o MS propõe que sejam elaboradas tecnologias como estratégia para as atividades educativas em saúde, em especial no campo da aids e de outras IST. Isso em razão de que, entre seus pares, os adolescentes possuem mais facilidade de externar seus sentimentos, possibilitando a troca de conhecimento e de vivências (Santos et al., 2017b).

Fernandes et al., (2017), ressaltam que a educação sexual é direcionada pelos pais de forma indireta, não se conduzindo para a vivência das adolescentes, o uso de preservativo, a prevenção de uma possível gestação e de infecções sexualmente transmissíveis.

É notório que essa faixa etária anseia por necessidades em saúde sexual e reprodutiva distintas em relação à população geral, pelas individualidades próprias da idade. Portanto, ao alcançar esses serviços, o adolescente enfrenta empecilhos além daqueles que são gerais aos demais indivíduos. Há quase 20 anos se evidenciou que barreiras psicossociais representam papel

significativo, visto que dificultam a aquisição do adolescente às unidades de saúde. O medo do diagnóstico, as predileções pelo sexo do profissional de saúde, o impedimento de atendimento sem a presença de responsável, são algumas dessas barreiras. Tais pontos psicológicos e/ou culturais levam, assim, os possíveis usuários a esquivar-se de procurar pelo serviço de saúde (Taquette et al., 2017).

Deste modo, é indispensável que os adolescentes tenham alcance à informação de boa qualidade, para que possam compreender dos riscos e benefícios a que estão suscetíveis caso não utilizem os métodos contraceptivos de modo correto. Estudos apontam que a família, a escola e a sociedade têm valores significativo na vida dos adolescentes, pois são eles que têm o dever de promover ações educativas, para que esses possam experimentar sua sexualidade de modo seguro e consciente (Dias et al., 2018).

Almeida et al., (2017), consideram que, em consequente do ambiente familiar, é a unidade escolar que integra a educação dada pela família, tem essa uma grande responsabilidade no desenvolvimento de seus alunos. No período escolar, começa a formação corporal gerado pelos hormônios emergindo a sexualidade dos adolescentes. Fica como missão da escola a orientação que deve ser realizada através de discussões relacionadas a temática, constituindo, dessa forma, um engajamento por parte do quadro docente, juntamente com a direção escolar.

É imprescindível que a união de pais, profissionais da saúde e gestores de saúde precisam buscar meios de constituir estratégias e parcerias para facilitar a busca dos adolescentes às ações e atendimentos em saúde. É também importante manter um vínculo frequente entre família, escola e saúde, pois nem sempre os adolescentes comparecem regularmente as Unidades Básicas de Saúde. A falta desse vínculo faz com que os profissionais de saúde não tenham ciência dos problemas e das indefensibilidades sociais expostas na vivência desses adolescentes, que na sua grande maioria são observados inicialmente pelos professores na escola (Jezo et al., 2017).

1.5 Desafios dos pais em relação a educação sexual dos filhos adolescentes

Diversos grupos envolvem questões variadas nessa temática, porém quando se referem ao público infanto-juvenil, os obstáculos de comunicação manifestada por pais, professores e profissionais de saúde são intensificados pela escassez de preparo dos adultos para enfrentar as individualidades dos adolescentes. Há ainda, o traspasse de concepções preconceituosas, atitudes impositivas e a falta de reconhecimento das imposições e liberdade dos adolescentes. Portanto, sabe-se que uma das regalias que os adolescentes mais resguardam quando podem se manifestar liberto de coibições é referente à independência no âmbito sexual (Costa et al., 2014).

Portanto, na atualidade, a temática sexualidade ainda é, quase sempre, delicado e complicado de se abordar, está obscurecido nas entrelinhas das falas consumadas de pais para filhos. Constata-se que estes passam essa missão para os professores, que a frente desse fato é imposta a debater esse conteúdo mesmo sem estarem aptos, visto que a temática sexualidade ainda é encoberto na contextura escolar e localiza-se de dúvidas e crendices, obstaculizando dessa maneira debates entre os protagonistas envolvidos (Nothhaft et al., 2014).

De acordo com Oliveira, Leite Júnior e Nascimento (2017), o universo da sexualidade idealiza-se enquanto um universo plurifacetado e de vivências múltiplas. Na adolescência, vista como a fase de modificações e amadurecimento dos sujeitos frente as emoções e identidades, a educação sexual ainda é entendida como um tema “proibido”, assim, tornando-se pobremente propagandeada no núcleo familiar. Portanto, cabe destacar que o “tabu” na realidade se inicia muito antes, na primeira idade, sendo entendida os primeiros obstáculos a exposição de corpos nu, decorrente ao potencial sexualizador, além das emoções e das identidades, que alcançam toda uma pressão proveniente da construção social e cultural de pilar religioso, pactuando o estímulo a parentalidade e a heterossexualidade.

Para Costa et al. (2014), o diálogo ineficiente entre pais e filhos, a respeito da educação sexual, são assustadores, pois pode contribuir para o crescimento da vulnerabilidade dos jovens na proporção em que se perde uma ocasião favorável para informar acertadamente, sobre sexo com segurança e os perigos de gravidez não desejadas, as IST e AIDS. Para mais, na tentativa de uma identidade própria, o ser adolescente fundamenta-se nas primeiras relações afetivas que teve com seus pais e sabe-se que a qualidade de educação, a situação social e econômica, a qualidade do vínculo familiar, os valores parentais frente as práticas sexuais e o diálogo entre pais e filhos estão entre os atributos familiares que mais influem comportamentos sexuais dos adolescentes.

Lamentavelmente, tem se percebido que a temática sexualidade é pactuada a partir da natureza de eventualidade e informalidade, ou ainda debatido sob enfoque de neutralidade, impedições e assexualização do homem. Isso tem tornado frágil a comunicação de pais e filhos nesse contexto, pois precisam estar livres de mitos, religiosidades e tabus para que por certo cooperem com adequado manuseio social do assunto (Nogueira et al., 2017).

De acordo com Almeida et al., (2017), viver a sexualidade, nessa fase, vem a ser mais evidente e em geral se expressa por meio de práticas sexuais inseguras, decorrente da falta de conhecimento, de comunicação no seio familiar, de mitos, credences, tabus, ou mesmo pelo fato de ter medo da autonomia de sua própria sexualidade. Sendo assim, a busca e a curiosidade por novas vivências e a falta de informações sobre as mudanças pelas quais estão passando os tornam expostos e suscetíveis a situações arriscadas, dentre as quais as IST, incluindo a AIDS.

1.6. Relacionando a assistência de enfermagem nas mudanças comportamentais acerca da sexualidade com a teoria de enfermagem de Callista Roy

No ponto de vista de Nothaft et al., (2014), a sexualidade é uma extensão indispensável de todas as fases da vida dos indivíduos, abrangendo hábitos e desejos associados ao contentamento, à afetividade, a satisfação, aos sentimentos, ao exercício da autonomia e à saúde. É um elemento inerente da pessoa, ultrapassando o aspecto biológico, apresentando-se também como um episódio psicológico e social, instigado pelas crenças, valores individuais, familiares, pela moral e credences da sociedade. Está associada à vida, às emoções e ao contentamento pessoal. Na adolescência caracteriza-se como um componente que colabora para o desenvolvimento da identidade do adolescente.

O saber da Enfermagem equivale, em segmentos, a uma soma de teorias que fundamentam a prática da profissão e apresentam o funcionamento de cuidados, elaborada em retorno a uma necessidade do ser humano e da comunidade. À vista disso, as teorias são desenvolvidas a partir de concepções, modelos e pontos que servem de pilar para respaldar as ações práticas, colaborando e esclarecendo as abordagens executadas conjunto ao objeto de trabalho - o ser humano (Ibiapina et al., 2016).

Fernandes e Miranda (2016), dizem que uma teoria sugere um entender sobre dados e episódios e, a partir destes, uma atuação conexa dentro de seu objetivo. Mais do que uma sistematização de métodos, as teorias de enfermagem são delineamentos para se refletir o cuidado de enfermagem com base nos conceitos, modelos e proposições, e sua aplicação, argumentação e apreciação espelham a busca e o estabelecimento de sua veracidade.

Em meio a diversidade de teorias de enfermagem, enfatiza-se a Teoria de Callista Roy ao compreender a pessoa como elemento adaptativo e holístico e incorporar a percepção de estímulos que se relacionam com as pessoas e instigam respostas (Monteiro et al., 2016).

De acordo com Freitas et al., (2014), estes elementos são vistos como formas de controle do sistema, com o intuito de possibilitar retorno aos estímulos presentes. Roy observou quatro modos de adaptação ou níveis para a averiguação de condutas que originam dos mecanismos regulador e cognato. Os modos de adaptação são o fisiológico, o auto conceito, a função de papéis e a interdependência.

Para a temática, optou-se pelo modo de função de papéis, uma vez que é preenchida pela integridade social, determinados e definidos então pela idade, necessidade e anseio sexual, crescimento individual, assim como também o desenvolvimento da autonomia pessoal adquirida nesta fase da vida. Sendo assim este modelo atua como excelente método para a assistência do profissional de enfermagem, que busca investigar e compreender o comportamento dos adolescentes, visando estabelecer metas e intervenções cabíveis a essa realidade.

Frente a essa problemática, foi estabelecido como problema de pesquisa: Quais os desafios entre os pais de adolescentes diante da educação sexual? Delimitando-se então, o seguinte objetivo geral para investigação: Identificar os desafios enfrentados pelos pais diante da educação sexual dos filhos, especificando em descrever a educação sexual dos filhos na perspectiva dos pais, identificar a visão dos filhos diante da educação sexual realizada pelos pais e descrever os desafios enfrentados pelos pais e filhos diante da educação sexual.

Portanto, com base nessa nova fase da vida em constante descoberta, mudanças, dúvidas e curiosidades a respeito da mesma, justifica a relevância da realização deste estudo, que reside no fato de ser uma temática de extrema importância no desenvolvimento sexual dos adolescentes e pouco discutido, ao qual faz se necessário entender e compreender o conhecimento de pais e filhos diante da temática, na busca de elaborar novas estratégias e ações que visem contornar e minimizar as consequências existentes decorrentes dessa falta de conhecimento, informações e diálogos acerca da mesma.

O interesse por este assunto se deu por ser uma temática muito persistente e nunca deixou de ser atual em nossa sociedade, uma vez que as consequências da prática sexual insegura estão cada vez mais alarmante e preocupante na saúde pública, em que se faz necessário orientar, aconselhar e ensinar os jovens adolescentes a começar a adquirir meios que traga segurança para a o desenvolvimento de sua sexualidade. Assim como também é necessário que os pais entendam esse assunto como uma fase típica na vida de seus filhos, e que a ausência de informações e conhecimento acarreta em uma sexualidade precoce, insegura e preocupante.

Evidenciando as inúmeras situações as quais esse diálogo entre pais e filhos não é estabelecido, revelando os riscos e perigos sem cautela vivenciados pelos adolescentes, aponta-se a necessidade de estar realizando pesquisas em torno deste assunto com intuito de compreender a visão dos pais, a fim de melhorar as práticas e ações de educação em saúde, bem como, elaborar formas de prevenção e eliminação das consequências da falta deste diálogo e orientações por parte dos pais.

2. Metodologia

2.1 Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa possui natureza explicativa qualitativa, de amostragem não probabilística de método por conveniência. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa explicativa apresenta como objetivo primordial a necessidade de aprofundamento da realidade, por meio da manipulação e do controle de variáveis, com o escopo de identificar qual a variável independente ou aquela que determina a causa da variável dependente do fenômeno em estudo para, em seguida, estudá-lo em profundidade.

A pesquisa qualitativa estimula o pesquisador a desenvolver conceitos, ideias e entendimentos sobre algum tema, objeto ou conceito. As hipóteses nessa pesquisa são indutivamente construídas, ou seja, primeiro você observa o fenômeno que pretende pesquisar depois hipotetiza, isto é, procura relações causais que expliquem o fenômeno (Stake, 2016).

De acordo com o estudo realizado por Campos (2019), são amostragens probabilísticas quando há uma escolha deliberada dos elementos da amostra. Depende dos critérios e julgamento do pesquisador. Sendo por conveniência quando os indivíduos empregados nessa pesquisa são selecionados porque eles estão prontamente disponíveis no decorrer da coleta dos dados, sem que tenham sido selecionados por meio de critérios estatísticos.

2.2 Cenário

A pesquisa foi realizada em um Colégio Militar da cidade de Caxias, MA. Caxias (MA) está localizada na mesorregião do leste maranhense em que é a quinta cidade mais populosa do estado, com uma população de 164. 224 habitantes, com uma área de 5.196,769 km², de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2018).

2.3 Amostra

A amostra foi composta por 15 alunos de ambos os sexos, do 9º ano do Ensino Fundamental, e posteriormente os pais ou responsáveis dos mesmos. Tendo como critério de inclusão alunos que tinham a faixa etária de 13 a 15 anos, que aceitaram participar da pesquisa e que tenham autorização dos pais ou responsáveis através do Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE), e como critério de exclusão alunos que não eram da faixa etária de 13 a 15 anos, alunos que não aceitaram participar da pesquisa e alunos que não tinham autorização dos pais ou responsáveis através do TALE.

2.4 Instrumento da coleta de dados

A coleta de dados foi estabelecida por meio de 2 questionário, sendo um voltado para os filhos, e o outro voltado para os pais ou responsáveis. Ambos estruturado em 7 perguntas abertas acerca da temática da pesquisa, a qual foi realizada nos meses de Fevereiro, Março e Abril de 2019.

2.5 Organização e análise dos dados

Após a coleta dos dados na íntegra, as respostas referentes a importância da abordagem da sexualidade na perspectiva dos pais, assim como na perspectiva dos filhos, e os desafios enfrentados pelos pais diante da educação acerca da sexualidade do filho foram analisados e organizados conforme a análise de conteúdo proposta por Bardin (1997), onde nessa análise, o pesquisador busca entender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (Cavalcante et al., 2014).

2.6 Aspectos éticos e legais

Foi solicitado à Secretaria Municipal de Educação de Caxias a autorização para realização desta pesquisa, em que após esta, o projeto de pesquisa foi enviado juntamente à Declaração de Compromisso assinada pelos pesquisadores e a Carta de Encaminhamento de Projeto de Pesquisa à Plataforma Brasil que foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão (UniFacema), e aprovado sob o número de CAAE: 10180418.6.0000.8007.

Foi garantido aos participantes o sigilo, a confidencialidade dos dados coletados e o anonimato, bem como a liberdade de recusa em participar da pesquisa. A coleta de dados foi realizada somente após o esclarecimento e concordância dos sujeitos e após a assinatura do TALE, seguindo os preceitos da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, que determina normas de pesquisa em saúde envolvendo seres humanos.

3. Resultados e Discussão

A apresentação dos resultados está organizada em 3 classes, apresentadas por meio das falas mais pertinentes de acordo com a classificação e com os dados obtidos através dos questionamentos abertos a população pesquisada,

respectivamente 15 pais (sendo 10 do sexo feminino e cinco do sexo masculino) e 15 filhos (sendo nove do sexo feminino e seis do sexo masculino).

3.1 As classes e suas descrições

3.1.1 Classe 1. a educação sexual dos filhos na perspectiva dos pais

Nessa classe buscou-se investigar e registrar o entendimento dos pais em relação a importância da educação sexual dos seus filhos, dentre os 15 pais pesquisados, 100% relataram de forma positiva o quanto é importante e relevante a exploração deste assunto no desenvolvimento da adolescência de seus filhos, evidenciados pelas falas:

[...] *Para eles poderem ter uma noção do certo e do errado. Saber como deve ser [...]* (Suj_01).

[...] *Pra saberem os riscos que eles podem passar ou não* (Suj_02).

[...] *Pois assim eles terão mais consciência do que estão fazendo* (Suj_03).

[...] *Por que eles devem se proteger das doenças transmissíveis* (Suj_04).

[...] *Por que através do conhecimento, eles podem se prevenir e evitar doenças, gravidez indesejada* (Suj_05).

[...] *É muito importante que os adolescentes sejam informados sobre sexualidade, para que no futuro eles possam se prevenir* (Suj_06).

Por meio da análise das falas, percebe-se que eles não demonstram um grande conhecimento ou domínio na temática, porém possuíam conhecimento suficiente para responder as indagações e discernir dos benefícios de uma educação sexual, assim como os riscos e perigos da falta de conhecimento da mesma.

O estudo percorrido por Queirós et al. (2016), abordam o entendimento das perspectivas acerca da educação sexual na visão de pais e mães de adolescentes, em que resultou um grande déficit de informação em relação as IST, tendo um entendimento muito pequeno, o qual nos revela que a grande preocupação é somente na contração das IST's, e com uma preocupação maior voltada para a infecção pelo HIV, visto ser a infecção sexual mais conhecida dentro da sociedade, e por esta não ter cura.

No estudo desenvolvido por Nery et al., (2015), constataram-se que grande parte dos pais possuíam uma carência em saber o que abordar quando se tratava sobre sexualidade. Grande parte abordava no que se referia a parte biológica e reprodutiva, enquanto que outros retrataram que tratar sobre sexualidade é um assunto a ser tratado necessariamente após o filho encontrar uma parceira amorosa.

As interrogações acerca da sexualidade e suas particularidades revela-se como de modo explícito como causa de apreensões dos pais, em que, por não saber como tratar a temática no ambiente familiar ou por ser reflexo das mesmas atitudes recebidas de seus pais, a educação sexual é repassada para o corpo escolar como dever de ensinar e orientar os adolescentes sobre esta temática tão delicada no ponto de vista dos pais (Melo, 2017).

Mesmo reconhecendo as inúmeras situações perigosas e arriscadas que os jovens adolescentes estão vulneráveis, ainda assim os pais se limitam no pouco conhecimento que obtiveram durante o desenvolvimento de sua sexualidade, tornando-se impotentes em contribuir na educação sexual dos filhos, favorecendo que os mesmos busquem outras fontes de informações e conhecimentos, a qual nem sempre é o melhor meio.

Em decorrência disso, é crescente o número de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada, ocasionando um problema de saúde pública, uma vez que por não terem a autonomia de conversar sobre este assunto no âmbito familiar, os adolescentes se limitam a não buscar ajuda médica ou de algum profissional de saúde que possa está o

orientando quanto o que se deve e o que não se deve, ficando a mercê da unidade escolar, em que estes também não tem um conhecimento amplo e suficiente para sanar e reverter tal realidade.

Savegnago e Arpini (2016a) desenvolveram um estudo nessa mesma temática, a qual os resultados obtidos entram em concordâncias com os analisados nesta pesquisa, em que foi ressaltado a importância da inquietação dos pais com o comportamento e atitudes a serem tomados pelo adolescente no que diz respeito a sexualidade destes. Estas inquietações refletem como encorajamento na transmissão de informações diante dessa temática.

Em um outro estudo de Savegnago e Arpini (2016b), novamente na mesma temática chegaram à conclusão de que a partir dos resultados apresentados e da discussão proposta, evidenciou-se que a grande maioria das mães entrevistadas sobre dialogar sexualidade com seus filhos e filhas procederam de narrações sobre suas próprias experiências vividas durante a adolescência. Foi perceptível que o silêncio decorrente a esta temática se fez presente na infância e na adolescência da maioria das entrevistadas, em que as mesmas apontaram que vivenciaram traumas, mitos e gravidez não planejada como reflexo da falta de educação sexual no seio familiar.

3.1.2 Classe 2: A visão dos filhos diante da educação sexual realizada pelos pais.

Nesta classe, observa-se a compreensão dos filhos em relação a abordagem sexual dos pais, a qual 100% dos filhos pesquisados consideram de grande relevância, mesmo percebendo de acordo com as falas que possuem um conhecimento muito vago referente ao assunto.

[...] Bem, já me traz muitos benefícios, é que conversando com ela, tiro minhas dúvidas e ela me dar muitos conselhos, e dessa forma aprendo o que é certo e errado na vida sexual (Suj_07).

[...] Porque os pais dando conselhos e orientações os filhos saberão como reagir ou como se prevenir (Suj_08).

[...] Porque iríamos aprender a se proteger de doenças, gravidez, entre outras coisas relacionadas (Suj_09).

[...] Porque ele nos ensinaria fazer o que pode fazer e aquilo que a gente não pode fazer (Suj_10).

De acordo com as falas apresentadas, pode se perceber que o conhecimento dos entrevistados sobre sexualidade está limitado em riscos e perigos que a mesma poderá oferecer, portanto, não há um detalhamento e conhecimento aprofundado desses riscos e perigos, como por exemplo as inúmeras IST's, em específico a HIV/AIDS, por ser potencialmente fatal.

Foi perceptível que também não há um conhecimento acerca de práticas e métodos de uma sexualidade protegida, o que ainda assim os induzem a uma prática sexual insegura e arriscada, por não compreenderem minuciosamente o que são esses riscos e perigos, e o que devem fazer para evitar estes. Desta forma, evidencia a pertinência da problemática na sociedade e as grandes consequências na vida dos adolescentes e na saúde pública em decorrência da falta de orientação e conhecimento da prática sexual.

Ferreira et al., (2018), abordam que o entendimento dos adolescentes entrevistados acerca da sexualidade está relacionado com a prática do ato sexual, orientação sexual e coisa de homem e mulher. Não relatando ter conhecimento sobre a fisiologia e desenvolvimento dos órgãos genitais, assim como os métodos contraceptivos e as IST's.

Portanto, mesmo com disseminação de informações contidas na mídia, ainda assim os adolescentes apresentam-se inseguros e inquietos acerca de cuidados para a não contração do HIV/AIDS e de outras IST's, assim como ainda se retraem ao uso do preservativo. Desta forma, os jovens adolescentes carecem de necessidades específicas que devem ser mantidas e intermediadas por meio das políticas públicas de saúde, sejam de âmbito estadual como de âmbito nacional, políticas estas que visem o controle dos números alarmantes de adolescentes que engravidam precocemente e que visem a minimização da disseminação das IST's (Chaves et al., 2014).

Em meio a precariedade de orientações e preparo dos adolescentes no que diz respeito a saúde sexual, ainda assim não os intimidam de que iniciem sua sexualidade cada vez mais cedo, pois de acordo com as evidências científicas vemos cada vez mais jovens e adolescentes perdendo sua juventude saudável para então as inúmeras ITS's, bem como, a gravidez indesejada e não planejada, em que muitas vezes a mãe adolescente abre mão de sua autonomia como adolescente para então encarar essa nova fase adquirida tão precocemente que é a maternidade.

Campos et al., (2018), realizaram um estudo nessa temática, em que constataram através dos resultados que na compreensão dos adolescentes que participaram da pesquisa, o conhecimento recebido no seio familiar, na escola e através dos profissionais de saúde, é escasso e pouco esclarecedor. Para grande parte dos adolescentes pesquisados é inexistente o diálogo sobre sexualidade, quase sempre só ocorre na roda de conversa entre amigos, ainda assim insuficiente, considerando assim desinformados em relação a esta temática.

3.1.3 Classe 3: desafios enfrentados pelos pais e filhos diante da educação sexual

3.1.3.1 Desafios enfrentados pelos pais

Nesta classificação, buscou-se determinar os principais desafios dos pais que acarretam na falta de diálogo e abordagem da educação sexual para com seus filhos. Em que foi registrada e apresentada as falas mais pertinentes desta classe. Baseado na análise dos dados, 46,6% relataram que a maior barreira existente seria a vergonha, e 20% relataram a falta de conhecimento, já os outros 33,3% ficaram entre diversos sentimentos como preconceito, timidez e outros. Dos 15 pais entrevistados, apenas um relatou já ter tido pelo menos uma vez uma conversa com seus filhos acerca da educação sexual.

O preconceito (Suj_08).

Acho que a falta de compreensão de pais e filhos [...] (Suj_09).

A Vergonha [...] (Suj_10).

O modo de se expressar, por que se torna desconfortável (Suj_11).

A vergonha e o medo [...] (Suj_12).

Acredito que a maior barreira seja a falta de conhecimento (Suj_13).

É o tabu, as pessoas em geral não falam sobre esse tipo de assunto com o filho, porque tem vergonha de falar sobre sexualidade [...] (Suj_15).

Os resultados obtidos nesta classe corrobora com vários outros estudos já realizados, em que se sobressai a falta de conhecimento e o sentimento de vergonha por parte dos pais ao tratar de um assunto tão delicado, importante e essencial no desenvolvimento da adolescência de seus filhos, assunto este que refletirá diretamente em sua vida adulta, pois enquanto esses sentimentos e situações persistirem, teremos jovens adolescentes cada vez mais desentendidos de uma prática sexual saudável e segura, podendo até persistir para as gerações seguintes.

Os estudos desenvolvidos por Queirós et al., (2016) e Silva e Rosenberg (2017), apresentam que os pais ressaltaram os fatores vergonha, timidez e falta de conhecimento como justificativa para a dificuldade de implementar no contexto familiar um diálogo aberto com seus filhos referentes a promoção da saúde sexual e reprodutora dos mesmos. Existindo uma conexão de um para com o outro, uma vez que a falta de conhecimento atrai diversos sentimentos de impotência, como já bastante citado nesta classificação, sentimentos estes que é citado e usado no ambiente familiar como uma barreira para a educação sexual dos filhos adolescentes, sendo notoriamente um reflexo da falta de conhecimento dos mesmos.

De acordo com Queirós et al., (2016), interpretar a perspectiva dos pais acerca deste assunto possibilita reconhecer seus conhecimentos, tabus, desafios e, acima de tudo se esta temática está sendo debatida no ambiente familiar. Ademais esta

estratégia poderá oportunizar o despertar dos pais na precisão da promoção da educação sexual, uma vez que o adolescente está sujeito a inúmeras situações conflitantes e duvidosas no que diz respeito a saúde sexual.

De acordo com Mota e Pinheiro (2015), as discussões que galgam a sexualidade do indivíduo vêm desde as origens, acarretando perturbações na vida do homem, mesmo com desenvolvimento tecnológico e as transformações globais, os indivíduos ainda se encontram submissos as crendices e mitos que rodeiam a sexualidade. Os estudos mostram que a sexualidade do homem contorna uma variedade de aspectos, como o desenvolvimento biopsicossocial e principalmente sexual. A maioria das famílias tem como vergonhoso discutir a educação sexual com seus filhos, relacionado aos ensinamentos que foram trazidos de sua juventude, que também não foi o bastante para responder todas as dúvidas e curiosidades acerca da mesma.

Por ser uma temática ser permeada de tabus, dúvidas e crendices, a família acaba não conseguindo exercer o papel de principal orientador acerca dessa temática, se limitando a sentimentos de vergonha, medo, e falta de conhecimento suficiente como foi observado neste estudo, e em consequência disso os jovens adolescentes estão vivenciando cada vez mais precocemente sua sexualidade, contornada de riscos e perigos.

Segundo o estudo realizado por Silva (2019b), os familiares expõem que algumas situações são delicadas de serem abordadas aos filhos. Enfatizando a dificuldade para uma conversa aberta no que diz respeito a educação sexual. Os pais que possuem um diálogo aberto relataram a existência de sentimentos negativos como vergonha, constrangimento, e receio de falar diretamente ao assunto, e mencionaram que para algumas pessoas pode ser mais fácil manter essa temática no âmbito familiar que para outras.

Vale ressaltar que mesmo diante da propagação de informações acerca desta temática, e com as inúmeras consequências acontecidas diariamente decorrentes da falta da educação sexual, ainda assim os pais se “aprimoram” ao não diálogo familiar sobre este tema, quase sempre pelo simples fato do receio de um possível constrangimento ao se abordar este assunto com seus filhos adolescentes, ou até mesmo por acreditarem que poderão está faltando com o respeito ao se tratar de sexualidade.

Savegnago e Aprini (2018), evidenciaram que o sentimento de vergonha ao tentar manter algum diálogo nesta temática foi retratado pelas mães que participaram da pesquisa. Sendo notório a falta de preparo e a carência de informações para se repassar aos filhos, sendo reflexo daquilo que foi concebido por seus pais, trazendo vivências passadas atreladas a crendices, tabus e silêncio em relação a temática.

Oliveira (2019) traz em seu estudo duas principais dificuldades para o estabelecimento de um diálogo aberto com os filhos, onde de acordo com a fala das entrevistadas a primeira dificuldade está relacionada a falta de orientação e promoção sexual e reprodutiva, os deixando assim despreparadas e inseguras para lidar com esse tema dentro do seio familiar. A segunda dificuldade está atrelada a falta de equilíbrio em utilizar as palavras nas diferenças idades das crianças, visto que não consegue abordar o assunto de forma satisfatória, sendo assim não sanando as dúvidas dos mesmos, tendo que restringir certas informações por não saber usar as palavras.

O estudo de Silva e Rosenberg (2017). nos aponta as dificuldades para orientações e conversas frente a educação sexual para com seus filhos que dentre as mães entrevistadas uma mãe relatou que quase nunca teve alguma conversa em relação a esta temática, apesar de reconhecer ser um assunto de extrema importância. Em contrapartida, uma mãe relatou conversar abertamente acerca da educação sexual com seus filhos, embora encontre muitas dificuldades em como iniciar a conversa e manter sem que haja sentimento de desconforto. Três mães relataram não saber como lidar com a situação, e ressaltaram a vergonha como uma barreira impeditiva para que se haja um diálogo aberto na temática.

3.1.3.2 Desafio enfrentado pelos filhos

Nesta classificação, buscou-se determinar os principais desafios enfrentados pelos filhos que acarretam na falta de diálogo e abordagem da educação sexual para com seus pais/responsáveis. Em que foi registrada e apresentada as falas mais pertinentes desta classe. Baseado na análise dos dados, 13.3% relataram medo, 33.3% relataram vergonha, 20% relataram falta de interesse, 20% relataram timidez e 13.3% relataram falta de tempo.

Acho que o medo (suj_03).

É a falta de tempo entre a gente (suj_11).

Eu acho que é a timidez, impede de falar sobre essas coisas (suj_09).

Eu tenho muita vergonha de conversar disso com minha mãe (suj_07).

Acredito que o que mais dificulta é a falta de interesse (suj_13).

De modo geral foi perceptível que há uma grande resistência em dialogar acerca da educação sexual no ambiente familiar, justificado por inúmeros sentimentos e sensações negativas, dificultando assim uma comunicação necessária voltada para este assunto que é essencial nesse período de transição jovem/adolescente. Dos 15 alunos entrevistados, apenas 3 relataram já ter tido alguma conversa sobre educação sexual com seus pais, entrando em contradição com os mesmos, já que apenas um pai/responsável relatou já ter tido pelo menos uma vez alguma conversa em família sobre a temática.

Lopes et al., (2020) e Barreto (2019), constatam que dentre os adolescentes entrevistados no que se refere a comunicação dos mesmos com os pais, grande parte relataram nunca ter tido algum tipo de conversa referente a sexualidade, menos da metade relataram que já tiveram oportunidade e que as vezes esse assunto era conversado, e uma pequena parte relataram que raramente dialogava sobre este assunto. Em que foi evidenciado que os mesmos quase sempre recorrem a outros meios de fontes de informações, e recorrendo aos pais somente como última opção.

Aguiar e Coutinho (2019), constataram que dos alunos participantes da pesquisa, grande parte (60%) relataram sanar suas dúvidas e indagações acerca da sexualidade através de meios virtuais, professores, através de livros e revistas, roda de amigos e unidades básicas de saúde, enquanto que apenas 40% relataram o ambiente familiar como meio para suas dúvidas e indagações acerca da saúde sexual e reprodutiva.

Segundo o estudo realizado por Pereira et al., (2019), o grupo de alunos participantes da pesquisa, 21% afirmaram que seus pais não conversam sobre esta temática no seio familiar por acharem que poderá influenciar a vida sexual ativa precocemente, 4% apontam por motivos religiosos, 7% relataram falta de segurança, 21% relataram vergonha, 18% por não saber sobre o assunto, 11% por ser comum não conversar sobre isso, e 18% não opinaram.

O escrito elaborado por Silva (2019a) apontou que de acordo com as indagações, se durante a adolescência tiveram alguma oportunidade cedida pelo pai ou pela mãe para conversar sobre sexualidade, um pouco mais da metade 55,3% relataram que sim, enquanto que 44,7% relataram que não. Desta forma, grande parte do conhecimento sobre saúde sexual é sanado através de meios midiáticos, ou até mesmo de acordo com suas experiências vivenciadas.

4. Conclusão

Foi evidenciado no presente estudo que há uma grande dificuldade de abordar este assunto no seio familiar sem que haja sentimentos de vergonha ou impotência, fato este que foi revelado através das falas dos entrevistados. Observa-se também, que é muito vago o conhecimento dos mesmos acerca desta temática, tanto nos pais quanto nos filhos, já que foram muitos superficiais em suas respostas.

Diante da realização desta pesquisa houve uma limitação na busca de outros estudos já realizados para a elaboração da discussão dos resultados encontrados no presente estudo, em especial na classificação 3.1.2, ao qual existe poucos estudos realizados que abordam os desafios enfrentados pelos filhos diante da educação sexual, a grande maioria dos estudos existentes na temática educação sexual abordam somente a visão de pais e professores, deixando de lado a peça principal desta temática que são os adolescentes.

Este estudo é de grande contribuição para a enfermagem e para a comunidade, visto que novos resultados diante desse tema propiciará a elaboração de novos meios e estratégias para esta problemática, fazendo com que assim os profissionais da área da saúde, especialmente atuantes do Programa Saúde da Família (PSF) poderão entender o ponto de vista dos adolescentes acerca do assunto.

Portanto a elaboração de ações educativas na comunidade, envolvendo pais e filhos, assim como ações em escolas juntamente com Programa Saúde na Escola (PSE), favorecerá com que os adolescentes obtenham mais informações sobre o assunto, esclareçam suas dúvidas e tenham mais autonomia para buscar o serviço de saúde frente a alguma necessidade referente a sexualidade, até mesmo no que diz respeito a aquisição de preservativos e anticoncepcionais ofertados pelo governo, disponíveis nas Unidades Básicas de Saúde (UBS's).

Referências

- Aguiar, C. G. B. & Coutinho, D. J. G. (2019). Sexualidade e novas tecnologias: uma análise de conhecimentos dos alunos do 8º ano do ensino fundamental/Sexuality and new technologies: a knowledge analysis of 8 th grade elementary students. *Brazilian Journal of Development*, 5 (11), 27033-48.
- Almeida, R. A. A. S. et al. (2017). Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 70(5), 1087-94.
- Barbiani, R. (2016). Violação de direitos de crianças e adolescentes no Brasil: interfaces com a política de saúde. *Saúde em Debate*. 40, 200-211.
- Barreto, M. J. & Rabelo, A. A. (2015). A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. *Pensando famílias*, Porto Alegre, 19(2), 34-42.
- Barreto, M. T. S. (2019). *Análise do conhecimento e das práticas sexuais e reprodutivas de adolescentes*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal do Piauí, Teresina.
- Beserra, E. P. et al. (2017). Perception of adolescents about the life activity "express sexuality". *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 9(2),340-346.
- Brasil. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2007). *Marco legal: saúde, um direito de adolescentes Brasília*: Ministério da Saúde. http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf
- Campos, C. R. (2019). O problema da amostragem no contexto da educação estatística crítica. In: *XV Conferencia interamericana de educación matemática*, 15. Medellín. Anais. Medellín: Universidad de Medellín, 1-8.
- Campos, H. M. et al. (2018). Diálogos com adolescentes sobre direitos sexuais na escola pública: intervenções educativas emancipatórias!. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13(3) 1-16.
- Castro, J. F. L.; Araújo, R. C & Pitangui, A. C. R. (2017). Perfil sociodemográfico e comportamento sexual de adolescentes escolares. *Rev enferm UFPE on line.*, Recife. v.11, 2929-38.
- Cavalcante, R. B.; Calixto, P. & Pinheiro, M. M. K. (2014). Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, 24(1), 13-18.
- Chaves, A. C. P. et al. (2014). Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 67(1), 48-53.
- Conceição, P. O. & Costa, T. L. (2017). Práticas de enfermeiros para a prevenção do HIV/AIDS na adolescência: análise representacional. *Rev. enferm. UFPE on line*, Recife, 11(12) 4805-4816.
- Cordeiro, J. K. R. et al. (2017). Adolescentes escolares acerca das DST/AIDS: quando o conhecimento não acompanha as práticas seguras. *Rev. enferm. UFPE on line*, Recife, 11, 2888-2896.
- Cortez, E. A. & Silva, L. M. (2017). Pesquisa-ação: promovendo educação em saúde com adolescentes. *Rev enferm UFPE on line.*, Recife, 11, 3642-9.

- Costa, M. A. et al. (2014). Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 4(1) 123-132.
- Costa, T. S. et al. (2017). Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). *RevInt*, 4(1).
- Dias, M. K. N. & Zandonadi, A. C. (2018). O papel da família e da escola: processo de educação sexual dos filhos. *Revista FAROL*, 7(7), 132-143.
- Fernandes, M. M. S. M. et al. (2017). Fatores de riscos associados à gravidez na adolescência. *Rev. enferm. UFPI*, 6(3), 53-58.
- Fernandes, R. L. & Miranda, F. A. N. (2016). Análise da teoria das relações interpessoais: cuidado de enfermagem nos centros de atenção psicossocial. *Rev enferm UFPE on line*, Recife, v.10, 880-886.
- Ferreira, E. A. et al. (2018). Adolescentes no espaço escolar e o conhecimento a respeito da saúde sexual e reprodutiva. *Cogitare Enfermagem*, 23(2).
- Ferreira, E. B. et al. (2014). Causas predisponentes à gestação entre adolescentes. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 6(4), 1571-1579.
- Fiedler, M. W.; Araújo, A. & Souza, M. C. C. (2015). A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 24(1) 30-37.
- Figueiredo, R. M. M. D. (2015). *Percepção e orientação de condutas de conselheiros tutelares sobre práticas sexuais de menores de 18 anos*. 2015. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Freitas, M. C. et al. (2014). Idosos residentes em uma instituição de longa permanência: adaptação à luz de Callista Roy. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, 67(6), 905-912.
- Guimarães, A. L. M. (2017). *Vulnerabilidade na gravidez em adolescentes: divergências entre o estatuto da criança e do adolescente (eca) e a prática do cuidar*. Tese (Doutorado em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Caxias. (2018). <https://goo.gl/pF55w5>
- Ibiapina, L. G. et al. (2016). Assistência de enfermagem às adolescentes gestantes sob a ótica de Callista Roy. *Enfermagem em Foco*, 7(3/4), 46-50.
- Jesus, M. I. A. (2018). *Educação sexual com adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas nas relações sociais Santa Maria/RS-Brasil*. Dissertação (Mestrado em Saúde Materno Infantil) - Centro Universitário Franciscano, Santa Maria.
- Jezo, R. F. V. et al. (2017). Gravidez na adolescência: perfil das gestantes e mães adolescentes em uma unidade básica de saúde. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 7.
- Jorge, S. A. et al. (2017). Conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos. *Rev. baiana saúde pública*, 41(1), 120-130.
- Kangaude, G. (2016). Enhancing the role of health professionals in the advancement of adolescent sexual health and rights in Africa. *International Journal of Gynecology & Obstetrics*, 132(1),105-108.
- Lages, S. R. C.; Silva V. P. P. & Soares, N. C. F. (2017). Os saberes e fazeres dos psicólogos no campo das violações dos direitos humanos na infância. *Psicologia Revista*, 26(2), 323-335.
- Lang, A. E. M. (2016). Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente e o acesso à informação. *Textos & Contextos*, 15(1), 184-195.
- Lima, P. C. et al. (2017). A vivência de adolescentes assistidas por enfermeiros obstetras durante o processo de parturição. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 7.
- Lopes, I. R. et al. (2020). Perfil do conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(4).
- Maciel, K. M. N. et al. (2017). Caracterização do comportamento sexual entre adolescentes. *Rev enferm UERJ*.
- Magnago, C. M. (2019). *O estatuto da criança e do adolescente e o princípio da proteção integral: as violações sofridas pelos menores no exercício da profissão de modelo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Faculdade de Direito de Vitória, Vitória.
- Maranhão, T. A. et al. (2017). Repercussão da iniciação sexual na vida sexual e reprodutiva de jovens de capital do Nordeste brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, 4083-4094.
- Melo, M. C. P. (2017). *Sexualidade na adolescência: entrelaçando atitudes, posturas e estratégias em sala de aula com o apoio da Estratégia Saúde da Família*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Porto Alegre.
- Monteiro, A. K. C. et al. (2016). Aplicabilidade da Teoria de Callista Roy no cuidado de enfermagem ao estomizado. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde*, 5(1), 84-92.
- Mota, A. P. & Pinheiro, J. S. (2015). *Sexualidade na escola: um desafio para os educadores que atuam no 5º ano na escola municipal de ensino Infantil e fundamental Zélia Flecha da Silva no município de Magalhães Barata*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Igarapé.
- Nery, I. S. et al. (2015). Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 28(3), 287-292.
- Nogueira, I. S. et al. (2017). Pesquisa-ação sobre sexualidade humana: uma abordagem freiriana em enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, 22(1).

- Nothhaft, S. C. S. et al. (2014). Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. *Revista Mineira de Enfermagem*, 18(2), 284-294.
- Oliveira, A. B. A. (2019). *Conhecimento e atitude dos pais sobre a educação sexual de seus filhos*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em enfermagem) - Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras.
- Oliveira, P. W. L.; Leite Junior, F. F. & Nascimento, F. A. (2017). Adolescência e a família: Desafios para uma educação sexual dos/as filhos/as. *Revista Café com Sociologia*, 6(2), 229-249.
- Pereira, S. C. et al. (2019). Orientação Sexual na Escola: tabus e preconceito. *Nativa-Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso*, 8(1).
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2 ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale.
- Queirós, P. S. et al. (2016). Concepções de pais de adolescentes escolares sobre a sexualidade de seus filhos. *Rev Rene*, 17(2), 293-300.
- Ribeiro, R.; Ciasca, S. M. & Capelatto, I. V. (2016). Relação entre recursos familiares e desempenho escolar de alunos do 5º ano do ensino fundamental de escola pública. *Revista Psicopedagogia*, 33(101), 164-174.
- Rodrigues, C. P. & Wechsler, A. M. (2014). A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. 2014. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro, 1(1), 89-104.
- Rodrigues, R. P. et al. (2019). Estratégias da equipe de saúde da família frente os aspectos psicossociais enfrentados pelas adolescentes grávidas. *Nursing*, 22(249), 2610-2614.
- Sakuramoto, S. M.; Squassoni, C. E. & Matsukura, T. S. (2014). Apoio social, estilo parental e a saúde mental de crianças e adolescentes. *Mundo Saúde (Impr.)*, São Paulo, 38(2), 169-78.
- Santos, F. M.; Silva, S. K. D. B & Souza, B. (2019). *A influência da família e das relações sociais na identidade do adolescente*. In: XVII Jornada científica dos campos gerais, 18., 2019, Ponta Grossa. Anais. Ponta Grossa: Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais. 1-4.
- Santos, M. P. et al. (2017). *Pré-carnaval educativo sobre infecções sexualmente transmissíveis com adolescentes escolares*. Journal of Nursing UFPE, Recife, 11(12), 5116-21.
- Santos, S. C. et al. (2017). A prevenção do vírus da imunodeficiência humana pela equipe de atenção primária voltada aos adolescentes. *Rev. enferm. UFPE on line*, Recife, 3050-3056.
- Savegnago, S. D. O. & Arpini, D. M. A. (2016). Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão*, 36(1), 130-144.
- Savegnago, S. D. O. & Arpini, D. M. (2016). Atravessamentos das histórias maternas na relação com filhos (as) adolescentes e a sexualidade. *Contextos Clínicos*, 9(2), 178-193.
- Savegnago, S. D. O. & Arpini, D. M. (2018). Olhares de mães de grupos populares sobre a educação sexual de filhos adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 8-29.
- Silva, B. V. M. (2019). *Diálogo familiar e sexualidade na adolescência: contribuições para a construção do empoderamento feminino*. In: 4º Seminário internacional desfazendo genero. 4., 2019b, Recife. Anais...Recife: Realize. 1-12.
- Silva, D. A. C. (2014). *Considerações acerca dos direitos sexuais e reprodutivos de jovens que nasceram com HIV em tratamento em um ambulatório especializado em HIV/Aids na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, São Paulo.
- Silva, L. P. & Rosenburg, E. G. (2017). Contradições: família, escola, adolescência e sexualidade. *Intercursos*, Ituiutaba, 16(2), 41-59.
- Silva, V. M. (2019). *Potencialidades e desafios na abordagem da educação sexual na adolescência: estudo de caso em uma escola da cidade de Recife*. 2019. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Souza, F. H. O. & Brito, L. M. T. (2015). Acolhimento institucional de crianças e adolescentes em Aracaju. *Psicologia Clínica*, 27(1), 41-57.
- Souza, M. C. et al. (2019). Compreendendo a Relação da Família com o Crescimento e Desenvolvimento Infantil. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, 11(3), 694-699.
- Spinola, M. C. R.; Béria, J. U. & Schermann, L. B. (2017). Fatores associados à iniciação sexual em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre/RS, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, 3755-3762.
- Stake, R. E. (2016). *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Penso.
- Taquette, S. R. et al. (2017). Saúde sexual e reprodutiva para a população adolescente, Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22, 1923-1932.
- Viero, V. S. F. et al. (2015). Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, 19(3), 484-490.